

A trajetória de vida da Legião Urbana representada nas imagens contidas nos álbuns produzidos em estúdio (1985-1997).

Ms. Gustavo dos Santos Prado.¹

O rock nacional da década de 1980, nos últimos anos, detém cada vez mais espaço nas discussões acadêmicas. Assim, várias bandas do período são investigadas, sendo que tais análises vêm apresentando resultados satisfatórios, e em grande parcela, estão cimentadas pelos desdobramentos analíticos dos estudos culturais. Não fugindo dessa tendência, essa comunicação se propõe a analisar algumas imagens contidas nos álbuns da Legião Urbana produzidos em estúdio. Nelas, podemos notar que, estão estampados vários momentos que foram vividos pelos artistas. Dai então, de tais fontes de pesquisa, emanou uma parcela da trajetória de vida que foi inerente ao grupo brasileiro.

Palavras – Chave: imagens, Legião Urbana, trajetórias.

Abstract

The national rock of the 1980s, in recent years, has more space in academic discussions. So many bands of the period are investigated, and such analyzes have presented satisfactory results, and in large part, are cemented by analytical developments of cultural studies. No escaping this trend, this notice proposes to examine some of the images contained in the album Legião Urbana produced in the studio. There, we note that prints are several moments that were experienced by artists. Dai then such research sources, emanated a portion of the life course that was inherent in the group brasileiro.

Keywords: images, Legião Urbana, trajectories.

Introdução

A análise de imagens presentes em capas, contracapas e encartes de álbuns, vem emergindo como uma fonte de pesquisa importante para inúmeras análises e reflexões. Na maioria das vezes, o uso desse tipo de fonte vem associado a um debate com dada letra, ou conjunto de letras, que compõem um determinado álbum. Com essa expansão, percebemos a capacidade de investigação possibilitada pelas imagens, e que podem contribuir nos estudos que envolvem a música enquanto fonte e objeto de pesquisa.

¹ Licenciado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Assis), pós-graduado em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Doutorando e Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista Capes. Email: gspgustavo.historia@hotmail.com

O rock nacional da década de 80 ganhou espaço na esfera acadêmica, sendo que tais estudos contribuíram tanto para consolidar o uso da música, enquanto fonte de pesquisa, bem como dialogou com os desdobramentos analíticos que foram possibilitados pelos estudos culturais. Assim, “propôs novas evidências para o trabalho das ciências sociais”. (WILLIANS, 19992, p.10)

As influências culturais do punk britânico, a formação de bandas de garagem e o crescimento de um mercado de consumo em torno da música elétrica, fizeram com que vários jovens tomassem a livre iniciativa de compor suas letras e músicas. Em uma década marcada pelo fracasso do “milagre econômico”, o fim do Governo Militar e a consolidação de um novo pacto político, permitiram que aqueles jovens, exclamassem em suas composições, vários dilemas e conflitos que afetaram diretamente seu cotidiano. Nesse contexto:

Se o quadro é de incertezas e crises no campo social, político e econômico, o mesmo não podemos dizer da área cultural, pelo menos para a música jovem, pois o crescimento e a concretização de um mercado para a juventude faz do rock um dos principais meios de expressão e análise em relação a situação por que se passa o Brasil.(BRANDÃO; DUARTE, 2004, p. 128)

Importante frisar que, várias bandas daquele momento foram e ainda são associadas ao protesto político. No entanto, sua riqueza de produção vai além de tal temática, pois emergem de suas obras os conflitos amorosos, a complexa formação de identidades, a trama em torno das amizades, os dilemas familiares, geracionais e de gênero. Assim, relataram os dilemas de seu tempo, sendo que tais relatos perpassaram por questões subjetivas. Nota-se que

A subjetividade permite problematizar a noção de sujeito, unilateral, isolável, emergindo a centralidade nos processos de diferenciação e uma possibilidade de construção singular da existência nas configurações assumidas pelas apreensões que os sujeitos fazem de si mesmo e do mundo. (MATOS, 2005, p. 27)

Dentre inúmeras bandas surgidas em tal década, a Legião Urbana reteve grande atenção no cenário midiático nacional, sendo que a figura de Renato Russo simbolizou as marcas de uma geração que cresceu no reduto da censura, e após uma “longa transição” (KINZO, 2001, s.p.), tivera acesso à liberdade de expressão. Polarizando uma parcela da juventude de seu tempo, o letrista ficou conhecido pela sua capacidade de representar em suas composições, as aflições de um mundo carregado de “paradoxos e contradições” (BERMAM, 1986, p. 12).

Tais marcas e conflitos vividos pelo cantor e seu grupo (Dado Villa Lobos, Marcelo Bonfá e Renato Rocha) fizeram com que as imagens dos álbuns da Legião Urbana, reproduzissem uma parcela de suas trajetórias vividas. Cabe agora, analisando tais fontes problematizar com aquelas foram representadas pelo grupo que surgiu na Capital Federal. Para tanto, algumas perguntas são válidas: De que forma os integrantes do grupo aparecem nas capas? Como as mesmas vão se modificando com o passar do tempo? Em que medida podemos entender uma parcela da trajetória da Legião Urbana usando tais imagens?

Sabendo que toda a fotografia foi produzida com certa finalidade, por meio de suas representações, informações, temas, arquitetura e preocupação plástica (KOSSOY, 2001, p.47-49), vamos à busca de algumas interpretações, frente às problematizações que foram colocadas até então.

A trajetória de vida da Legião Urbana representada nas imagens contidas nos álbuns produzidos em estúdio (1985-1997).

No primeiro álbum da Legião Urbana (1985), notamos uma iniciativa do grupo de demarcar seus referências espaciais e temáticos, que foram suas balizas que cimentaram seu projeto dentro do mercado fonográfico. Assim, notamos representações de Brasília com destaque ao Congresso Nacional:



Figura 1: Legião Urbana. Capa e Contracapa do LP **Legião Urbana**, Emi-Odeon, 1985.

As representações de Brasília aparecem em outras imagens desse álbum. Em um país submerso em crises econômicas e problemas políticos, foi interessante para a banda demarcar a sua gênese. Vale ressaltar que, “durante o governo Sarney, a inflação alcançou 1.000 % ao ano, abrindo as portas para a hiperinflação” (ALMEIDA, 2011, P.

68). Não ao acaso, Renato Russo e seu grupo ficariam conhecidos pelo seu engajamento político que foi inerente a trajetória artística do grupo.

No entanto, abaixo da capa, há um índio, segurando um arco e flecha, simbolizando a luta por valores que permeavam o coletivismo. Contudo, as dificuldades para tanto são notórias, pois cada integrante da banda aparece olhando para uma dada direção, o que não invalida o projeto coletivo. Tal afirmativa pode ser compreendida, olhando os jogos de sombra das faces, no qual as luzes das partes claras se encaixam perfeitamente nas feições que estão obscurecidas.

Na contracapa, temos os quatro componentes do grupo em uma “mata”, local onde os sujeitos se mostram perdidos. Renato Rocha à direita e Marcelo Bonfá à esquerda se apresentam “procurando saídas”(RAMOS, 2010, p. 152). Desolado, Dado Villa Lobos aparece de cabeça baixa. Ao fundo, Renato Russo, aparentemente se mostra indiferente a tal situação, olhando fixamente no horizonte, indicando que possivelmente haja uma saída.

Percebemos que, a tônica central do álbum está explícita nas imagens. Frente as novas transformações políticas, econômicas e sociais, a Legião Urbana apresentou um projeto no qual valores como o coletivismo seriam fundamentais frente às transformações de seu tempo. Buscariam assim, a “auto-satisfação pela apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem o cotidiano”.(FRIDMAM, 2000, p. 77)

O segundo álbum da Legião Urbana, intitulado “Dois” (1986), possui outro norte. Os relacionamentos juvenis foram contemplados por esse trabalho, sendo que o mesmo trouxe uma nova vertente artística para o grupo. Com essa nova proposta, as imagens contidas em tal trabalho, também passaram por várias transformações:

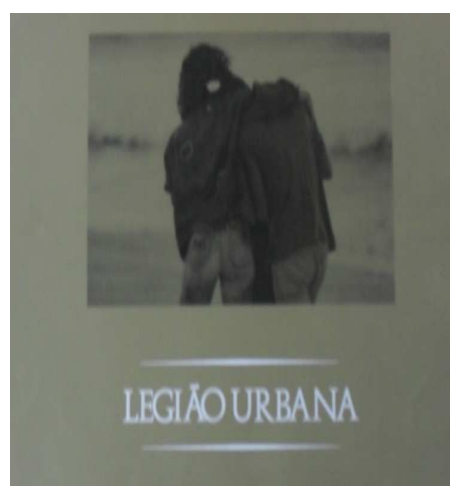


Figura 2: Legião Urbana. Capa e Encarte do LP **Dois**. Emi-Odeon, 1986.

O disco não possui nenhuma foto na capa, no qual só pode ser notado o nome da banda e do álbum, comprimidos por duas retas paralelas. Essas representam possivelmente, namoros e relacionamentos. As relações entre indivíduos aparecem em várias composições de forma conflitante e antagônica.

Contudo, em seu encarte, há um casal abraçado, tendo como pano de fundo as ondas do mar, trazendo a luz que, a questão do relacionamento, do amor e sentimentos são viáveis para aqueles que almejam. Vale notar ainda, que na imagem analisada, há abaixo da foto, o nome da banda com as mesmas retas paralelas já em tons de branco. Assim, a rigidez daquelas é quebrada pelas cores, pois, “o branco é um valor limite, assim como duas extremidades da linha infinita no horizonte. É uma cor de passagem, de sentido, induzindo possivelmente a iniciação” (GHEERBRANT;CHEVALIER,1990, p. 141).

Podemos notar que:

É unicamente a natureza pragmática do disposto fotográfico que autoriza e favorece esses desejos desmensurados e insaciáveis: desejos de sujeitos ocupados, apaixonados, loucos de “real” de referência e de singularidade, irredutivelmente.” (DUBOIS, 1994, p. 82)

Outrora, a Legião Urbana, em 1987, lançou um novo álbum, que foi intitulado “Que país é este 1978-1987”. Voltando as suas origens, com canções de cunho político, o grupo brasileiro reuniu nesse trabalho músicas da época do Aborto Elétrico, banda punk que deu origem a Legião Urbana e Capital Inicial, bem como composições de Renato Russo que foram criadas em seu momento como “Trovador Solitário” (DAPIVEVE, 2000, p. 94).

Tal necessidade assim se fez para atender uma demanda de mercado, no qual a gravadora exigia a produção de um novo trabalho. Dai então, o grupo resolveu gravar em estúdio, canções que já eram conhecidas em shows e apresentações:

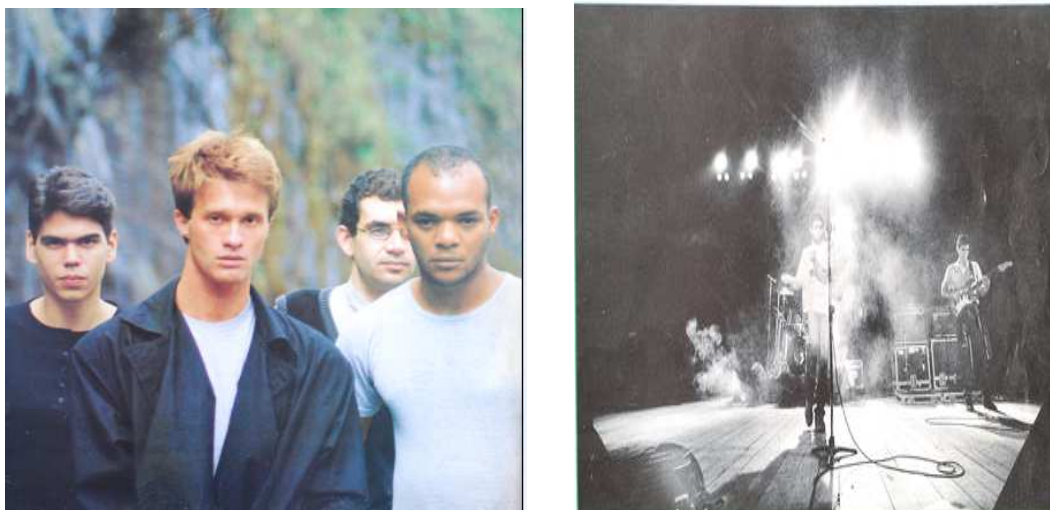


Figura 3. Legião Urbana. Capa e Encarte do Álbum: **Que país é este 1978-1987.** Emi-Odeon, 1987.

Contanto somente com a foto, não há na capa menção a gravadora ou ao nome da banda. Olhando os panos de fundo da foto, notamos a frente um branco (Marcelo Bonfá) e um negro (Renato Rocha), sendo que, as cores de suas camisetas contrastam do claro ao escuro. Tal imagem chama a atenção para o racismo e desigualdade social. Junto aos dois, somamos Dado Villa Lobos que, olham para a câmera com sinal de indignação, com feições fechadas e agressivas.

Ao fundo, Renato Russo, desvia o seu foco, recusando-se a ficar defronte à um país no qual os problemas sociais foram inúmeros naqueles tempos. Tal afirmação é ratificada pela imagem de uma mata ao fundo, que sintetiza um claro sinal de atraso que era vivido no país. Vale notar que, durante os anos 80, a economia brasileira foi “marcada por graves desequilíbrios externos e internos que exigiam das autoridades, a implantação de inúmeros ajustes econômicos que arrasaram as condições sociais do país.” (CAPELLARI, 2004, p.33)

Já no final da década de 80, Renato Russo afirmava que desejava uma mudança em seu trabalho no qual aquela deveria ser cimentada por uma perda de inocência. (RUSSO, 1998, In ASSAD, 2000, p. 208). Assim, em 1989, o álbum “As quatro Estações” refletiu tais transformações:



Figura 4: Legião Urbana. Capa e Encarte do Lp *As Quatro estações*, Emi-Odeon, 1989.

Nitidamente, há uma inversão no que tange a forma que os integrantes foram representados ao longo da arte. O tom ríspido e agressivo, latente no álbum anterior, cede espaço para feições alegres, pacíficas e afetuosas. Nota-se também a ausência de Renato Rocha, que saiu da banda devido a problemas com os demais integrantes do grupo.

Esse álbum, com claras menções ao budismo, além de sua estética repleta de luz, contém o cinza, que simboliza uma tomada de consciência. (GHEERBRANT;CHEVALIER,1990,p. 248). Juntam-se a essas características, os símbolos encontrados ao longo do álbum, que, representam uma possível transformação vivida pelo grupo:



Figura 5: Legião Urbana. Símbolos do encarte do LP “As quatro estações”. Emi-Odeon, 1989.

O triângulo (simbolizando a divindade, a harmonia, a proporção), a meia lua (refletindo a ideia de morte e ressurreição), o coração (sede dos sentimentos) e o laço (em seu sentido de encruzilhada, é o local propício para que as pessoas se desembaracem das forças residuais, negativas, inaproveitáveis e nocivas)(ibidem, 1990) Assim os símbolos presentes permitem inferir as mudanças que o grupo passou, haja vista que contém uma “certa fé profética nas possibilidades e promessas de uma nova sociedade que se concretiza agora”(JAMESOM, 1996, p. 85)

Podemos notar que:

Uma única imagem contém em si um inventário de informação acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento uma

fragmentação do real visível, destacando-o do contínuo da vida.(KOSSOY, 2002, p. 101).

No entanto, em 1991, a Legião Urbana, apresentou um projeto diferente daquele proposto em “As quatro estações”. Lançaram então, o álbum V, que veio carregado de polêmicas. Nesse trabalho, o grupo brasileiro perdeu o tom lírico e festivo, tão caro ao álbum anterior. Mais radical, o quinto álbum da Legião Urbana, refletiu os problemas sociais e pessoais, vividos por Renato Russo:



Figura 6: Legião Urbana. Capa LP V, Emi-Odeon, 1991.

Começou a se tornar pública, no início dos anos 90, a relação de Renato Russo com as drogas, depressão e AIDS (PRADO, 2012, p. 96-97) bem como “os problemas políticos da Era Collor” (DAPIEVE, 2000, p. 127). Pode-se notar na capa, que o nome do grupo aparece de forma “turva”, sem simetria, em uma alusão à maneira como o usuário de drogas observa o mundo. Ainda, o desenho logo abaixo possui no centro uma meia-lua e uma estrela de oito pontas. A primeira traz a ideia de “morte e regeneração”(GHEERBRANT;CHEVALIER,1990, p. 563), enquanto o octograma é o símbolo da criação, “mas de modo algum uma criação realizada, e sim em vias de se realizar”(ibidem, p. 409). Ao longo do encarte, os integrantes da banda apareceram com posturas diferentes daquelas apresentadas nos LPs anteriores:

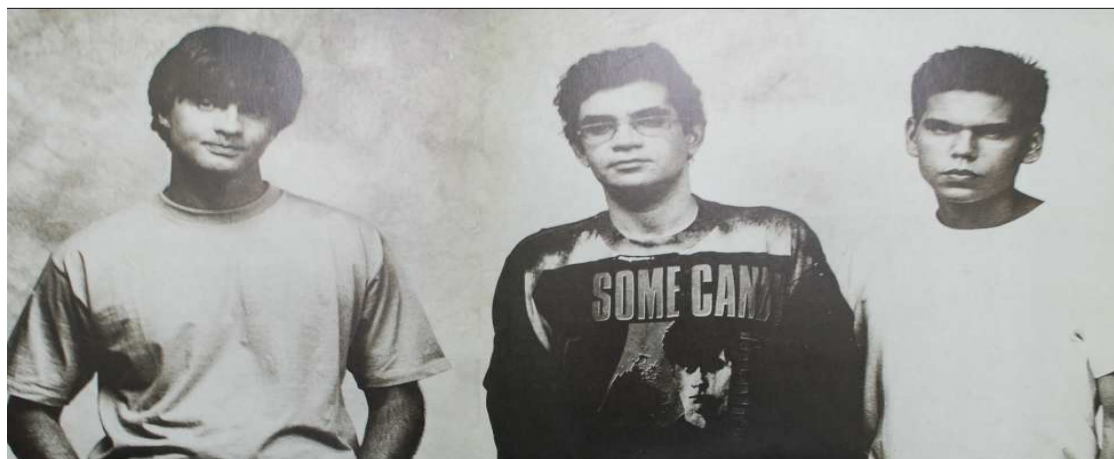


Figura 7: Legião Urbana. Foto de Encarte do LP **V**, Emi-Odeon, 1991.

Não há um olhar plácido e imóvel em tom de protesto, tampouco uma face serena, com tons acinzentados; e sim uma postura de reflexão perante os problemas vividos em seu cotidiano. Bonfá à esquerda e Villa Lobos à direita, possuem um tom de camisa que se confunde com o cenário de fundo. Renato Russo, ao centro, de blusa preta é o destaque da foto, induzindo que os problemas pontuados pelo álbum seriam vividos com intensidade pelo líder da banda:



Figura 8. Legião Urbana. Contracapa: Calendário solar. Álbum: **V**, EMI-ODEON, 1991.(grifo do autor)

A criação de um calendário, exposto na contracapa, antes de qualquer coisa, estaria atrelada a uma “busca por segurança”. (GHEERBRANT;CHEVALIER,1990,168). Inspirada no calendário asteca ou maia, o mesmo procura reproduzir essa temporalidade transitória, vivida pelo letrista. Esse sistema permite a associação com os pontos cardeais, sendo que os símbolos do norte, foram demarcados pelos ameríndios como sendo da aridez e da seca.

O calendário *tonalpotuali*, em asteca, ou *tun*, em maia, corresponde ao ano da adivinhação, sendo seu original formado de uma combinação de vinte signos, onde o sistema cronológico possui como finalidade a medição do tempo com meios

astronômicos, determinado o sentido de cada indivíduo e do grupo. Doravante, é uma tentativa de trazer no plano visual aquilo que é abstrato, dependente de uma série de fatores externos. Ainda, o calendário desses povos é composto de uma mescla do ano da adivinhação, aglutinado ao calendário solar em consonância ao venusiano. (SOUSTELE, 1970).

Vale ser notado que, tais símbolos do norte foram reproduzidos igualmente na parte Sul do calendário, o que nos faz subentender que representaria o momento difícil vivido por Renato Russo. Assim, metade de seu tempo estaria marcado pela instabilidade enquanto outra, estaria atrelada a sua vivência em grupo com a Legião Urbana.

Podemos notar que,

[...] o ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor, mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos e tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 16)

Para além das dificuldades impostas e refletidas em seu momento vivido, a Legião Urbana, em 1993, lançou uma nova produção. Intitulado de “O descobrimento do Brasil”, o trabalho em questão, foi uma tentativa da banda de retornar em algumas temáticas que nortearam sua trajetória artística. A ideia de descobrir o Brasil, explícita no título, seria uma forma de procurar outros referenciais artísticos, principalmente após a passagem do então presidente, Fernando Collor de Mello. Ainda, no campo subjetivo, tal álbum seria uma própria iniciativa de Renato Russo de retomar os rumos da carreira, logo após um apaziguamento dos problemas os quais o letrista teve contato.



Figura 9. Legião Urbana. Capa e Contracapa do Cd “O descobrimento do Brasil”. Emi-Odeon, 1993.

O trabalho em questão contrasta em todos os ângulos com o “V”. Flores estão presentes em todo o encarte, trazendo certo ar de esperança. Ao propor uma nova forma de olhar o país, a Legião Urbana colocou estampada na capa e contracapa da obra a representação do português (Dado Villa Lobos), do camponês (Marcelo Bonfá) e do jesuíta (Renato Russo), ou seja, remontou as origens da nação. As feições fechadas e os olhares diretos para a câmera deixavam nítido o descontentamento da banda com a situação do país, bem como com a conduta de cada brasileiro. Para modificar esse quadro instável, seria necessária a valorização de sentimentos universais como regeneração, felicidade, dignidade e respeito, que cimentariam uma proposta alternativa de mudança coletiva.(PRADO, 2012, p. 110)

No entanto, conforme avançaram os problemas de saúde de Renato Russo, a banda foi perdendo gradativamente seu ar de esperança. Com a debilidade de saúde do letrista, a última produção da Legião Urbana, com o cantor em vida, apresentou-se dessa maneira:



Figura 10: Legião Urbana, Capa e Encarte do Cd *A tempestade ou o Livro dos dias*, Emi – Odeon, 1996.

O álbum intitulado “A Tempestade” é um reflexo do momento nebuloso o qual a banda passou. Ele reflete a condição de vida de Renato Russo, já debilitada, com o avanço de problemas relacionados a AIDS e como aqueles afetaram a trajetória de vida de todo o grupo. O tom de azul, que representa o “frio, vazio e solidão” (GHEERBRANT;CHEVALIER,1990, p. 107) mostra-se em toda a arte do álbum. Ainda na capa há símbolos como o orvalho, que colocam o grupo mergulhado em uma tempestade.

Ao longo da arte do álbum, seguiram-se representações de momentos difíceis. Ao virarmos a capa, nos deparamos com uma adaptação do Vitral de Chartres. Como

afirma Nicolas (2001, p.191-192) o vitral é um instrumento de transição, que canalizado a luz, difunde um potencial evolutivo e de transformação através de seus raios coloridos, sendo as palavras de Deus guiando o homem na terra.

Além da busca de proteção, a reprodução de Marcelo Bonfá, traz uma mulher à esquerda, um rei ao centro, bem como um cavaleiro a direita. Os três, respectivamente, simbolizam proteção a vida, conhecimento integral e a luta contra as forças do mal. (GHEERBRANT;CHEVALIER,1990). Com tais personagens, o momento vivido por Renato Russo, associado a simbologia dos vitrais, podemos inferir que a Legião Urbana buscava proteção. Contudo, ao passarmos pelo “Livro dos Dias”, percebemos que os integrantes do grupo, não sentiram-se protegidos:



Figura 11. Encarte do Cd “A Tempestade”. Emi-Odeon, 1996.



Figura 12: Encarte do Cd “A tempestade”, Emi-odeon, 1996.

A proteção advinda dos símbolos representados nos vitrais foram embora, aparecendo na linha do horizonte. Não ao acaso, os integrantes da banda, aparecem na trama submersos pela tempestade. Tal quadro tenso, triste e melancólico ficou mais afluído, devido à morte de Renato Russo, em outubro de 1996.

O último trabalho da Legião Urbana, póstumo a Renato Russo, lançado em 1997, conta a história do grupo brasileiro com o passar do tempo:

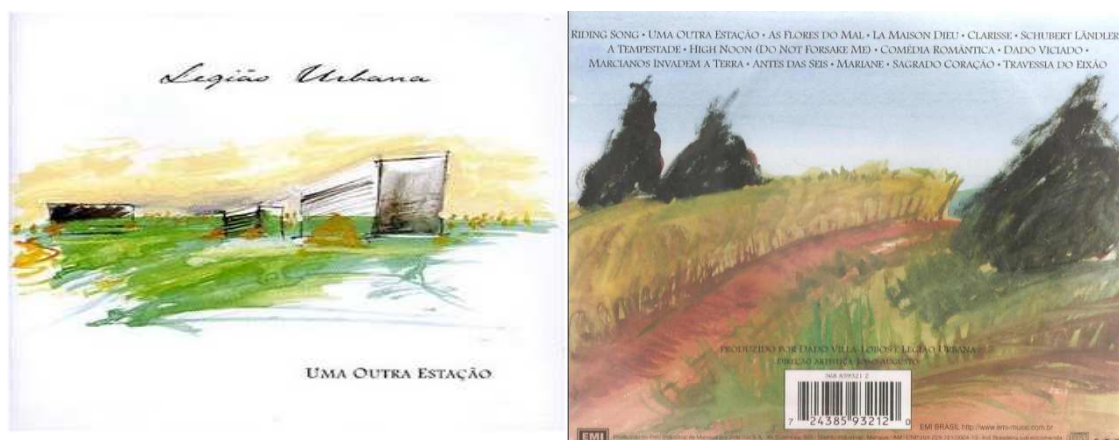


Figura 13. Legião Urbana. Capa e Contra Capa do Cd “Uma outra estação”. Emi-Odeon, 1997.

Na capa percebemos que há uma reprodução de Brasília, remontando as origens do grupo. A letra corrida aparece em toda a obra, como uma espécie de testamento. As cores suaves empregadas dão a sensação de descanso. Ao final das contas, cada integrante da banda foi obrigado a seguir o seu caminho, sendo que tal sensação, pode ser visualizada na contracapa do trabalho.

Contudo, essa circunstância não foi colocada de forma fatalista, haja vista o traçado colorido e o horizonte azulado. O caminho findava a Legião Urbana mais dava a possibilidade de outros contornos, tanto para os demais integrantes, bem como para os fãs da banda.

Podemos notar que:

Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um dado aspecto real, em determinado lugar e época, no qual o ato de registro ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica tem seu desenrolar em um movimento histórico específico, caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso e estético. (KOSSOY, 2001, p. 36-39)

Apontamentos Conclusivos

A problematização das imagens e fotografias presentes na obra da Legião Urbana, concederam uma possibilidade de investigar de forma mais profícua, a experiência do grupo brasileiro. Notamos que a estética dos álbuns se modifica a partir de um dado projeto artístico que esteve intimamente ligado com o momento vivido pelos integrantes.

O que pode ser percebido é que em vários momentos a trama criada na estética dos álbuns incidu diretamente sobre a experiência de vida de Renato Russo. Tal afirmação pode ser inferida, afinal, o cantor polarizou significativa representação, se comparada aos demais integrantes da banda. Isso não significa atribuir menor importância a outros integrantes, haja vista que, a maioria dos desenhos, por exemplo, foi realizada por Marcelo Bonfá. O que há na estética dos álbuns, bem como na leitura de imagens é um papel protagonista de Renato Russo, que pode ser notado nos olhares desfocados do cantor, nas cores de suas roupas e na centralidade de sua imagem em torno das fotos.

Além disso, a análise das imagens nos traz uma parcela dos momentos vividos pela Legião Urbana, ao longo de sua carreira de sucesso. Comparando a figura 1 com a 13, temos uma parte dessa trajetória: um grupo de Brasília, formado por jovens, que após um período considerável foi obrigado a se dissipar, fazendo com que cada integrante seguisse o seu caminho.

Por fim acreditamos que as imagens presentes nos álbuns são fundamentais para aqueles que utilizam a música, enquanto fonte de pesquisa. Tal diálogo entre o documento sonoro e as imagens permitem uma produção historiográfica mais rica. A problematização da estética dos álbuns, sua construção imagética, cores e arquitetura são elementos fundamentais para sistematizar o conhecimento de um dado grupo ou artista, que, porventura, podem chamar a atenção dos historiadores. No que se refere a análise das imagens, presentes na discografia da Legião Urbana, tais reflexões de tempos, espaços, memórias e trajetórias produziram resultados profícuos.

Lista de Figuras

Figura 1: Legião Urbana. Capa e Contracapa do LP **Legião Urbana**, Emi-Odeon, 1985. Produzido por: Mayton Bahia; Direção Artística: Jorge Davidson; Produção Executiva: José Emílio Rondeau; Projeto Gráfico: Ricardo Leite; Fotos: Maurício Valadares; Desenhos: Marcelo Bonfá; Arte do Encarte: Renato Russo.

Figura 2: Legião Urbana. Capa e Encarte do LP **Dois**. Emi-Odeon, 1986 Artistas: Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha; Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia; Técnico de Produção: Amaro Moço.

Figura 3. Legião Urbana. Capa e Encarte do Álbum: **Que país é este**, Emi-Odeon, 1987. Artistas: Dado Villa-Lobbos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha, Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia; Foto de Capa: Renato Junqueira, Fotos de Encarte: Marcelo Benzaquém, Renato Junqueira, Projeto Gráfico: Fernanda Villa-Lobos.

Figura 4: Legião Urbana. Capa e Encarte do Lp **As Quatro estações**, Emi-Odeon, 1989. Artistas: Dado Villa-Lobbos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha, Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia;, Fotos: Isabel Garcia;Direção de Arte e Execução: Fernanda Villa-Lobbos, Assistente: André Muller.

Figura 5: Legião Urbana. Símbolos do encarte do LP “As quatro estações”. Emi-Odeon, 1989. Artistas: Dado Villa-Lobbos, Marcelo Bonfá, Ricardo Rocha, Direção Artística: Jorge Davidson; Produção: Mayrton Bahia;, Fotos: Isabel Garcia;Direção de Arte e Execução: Fernanda Villa-Lobbos, Assistente: André Muller.

Figura 6: Legião Urbana. Capa LP **V**, Emi-Odeon, 1991. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson, Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodenação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis.

Figura 7: Legião Urbana. Foto de Encarte do LP **V**, Emi-Odeon, 1991. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson, Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodenação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis.

Figura 8. Legião Urbana. Contracapa: Calendário solar. Álbum: **V**, EMI-ODEON, 1991. Produzido por Mayrthon Bahia e Legião Urbana, Direção Artística: Jorge Davidson, Assessoria Gráfica: Arthur Froes; Coodenação Gráfica: Egeu Laus; Foto: Dario Zalis.

Figura 9. Legião Urbana. Capa e Contracapa do Cd “**O descobrimento do Brasil**”. Emi-Odeon, 1993. Prozudido por Mayrton Bahia e Legião Urbana. Produção Executiva: Rafael Borges, Edição e Masterização: Ivo de Carvalho, Direção Artística: José Augusto, Projeto Gráfico: Fernanda Villa – Lobos e Barrão, Fotos: Flávio Colker, Cenário: Luiz Zernini e Barrão, Coordenação Gráfica: Egeu Laus.

Figura 10: Legião Urbana, Capa e Encarte do Cd **A tempestade ou o Livro dos dias**, Emi – Odeon, 1996. Produzido por: Dado Villa Lobos e Legião Urbana, Produção Executiva: Rafael Borges, Direção de Produção: João Augusto, Fotografias: Ernesto Baldan (Dado), Flávio Colker (Renato) e Livio Campos (Marcelo). Projeto Gráfico: Renato Russo e Egeu Laus, Ilustrações Libreto: vitral do século XIII, Catedral de Chartres e desenho de Marcelo Bonfá.

Figura 11. Encarte do Cd **“A Tempestade”**. Emi-Odeon, 1996. Produzido por: Dado Villa Lobos e Legião Urbana, Produção Executiva: Rafael Borges, Direção de Produção: João Augusto, Fotografias: Ernesto Baldan (Dado), Flávio Colker (Renato) e Livio Campos (Marcelo). Projeto Gráfico: Renato Russo e Egeu Laus, Ilustrações Libreto: vitral do século XIII, Catedral de Chartres e desenho de Marcelo Bonfá.

Figura 12: Encarte do Cd **“A tempestade”**, Emi-odeon, 1996. Produzido por: Dado Villa Lobos e Legião Urbana, Produção Executiva: Rafael Borges, Direção de Produção: João Augusto, Fotografias: Ernesto Baldan (Dado), Flávio Colker (Renato) e Livio Campos (Marcelo). Projeto Gráfico: Renato Russo e Egeu Laus, Ilustrações Libreto: vitral do século XIII, Catedral de Chartres e desenho de Marcelo Bonfá.

Figura 16. Legião Urbana. Capa e Contra Capa do Cd **“Uma outra estação”**. Emi-Odeon, 1997. Produzido por Dado Villa – Lobos e Legião Urbana. Coordenação Executiva: Rafael Borges, Projeto Gráfico: Barrão e Dado Villa – Lobos, Ilustrações: Marcelo Bonfá, Fotografia: Flávio Colker.

Referências

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. **História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil (1978-1989)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

ASSAD, Simone. **Renato Russo de A a Z: as idéias do líder da Legião Urbana**. Campo Grande: Letra Livre, 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais da Juventude**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CAPELLARI, Pedro. **Brasil - Concentração de renda:** indicadores sociais e política econômica dos anos 80. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melin. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo:** o trovador solitário. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas - SP: Papyrus, 1994.

FRIDMAM, Luis Carlos. **Vertigens Pós-modernas:** Configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

JAMESON, Frederic. **Pós-Moderno:** A lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1996.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de Emoções:** corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru – SP: Edusc, 2005.

KINZO, Maria D' ALVA G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. **Revista São Paulo em Perspectiva.** Vol.15, n. 4, São Paulo: Outubro-dezembro, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000400002&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 17/01/2013.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

NICOLAS, Pierre Alexandre. **O segredo das catedrais.** São Paulo: Triom, 2001.

PRADO, Gustavo dos Santos. **A verdadeira Legião Urbana são vocês.** Dissertação de Mestrado (História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

RAMOS, Eliana Batista. **Rock dos anos 80.** A construção de uma alternativa de contestação juvenil. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOUSTELE, Jacques. **La vida cotidiana de los aztecas en vísperas de la conquista do México.** México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** Tradução: Lólio Lourenço Oliveira. 2. Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.